A CONSTITUIÇÃO DO REPOSITÓRIO DA ESCOLA NORMAL DE CAETITÉ/BAHIA: ACERVOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS (1898-1940)

Zélia Malheiro Marques
Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5341-5283
Endereço eletrônico: zmmarques@uneb.br

Sidnay Fernandes dos Santos
Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5932-4948
Endereço eletrônico: sfsantos@uneb.br

Palavras-chave: História da Educação; salvaguarda de acervos; práticas educativas escolares e não escolares.

INTRODUÇÃO

Este estudo vincula-se ao projeto ***Repositório da Escola Normal de Caetité: acervos, memórias e histórias no Alto Sertão da Bahia*** (UNEB), cujo objetivo é salvaguardar acervos, construir e discutir a historiografia e memórias de uma instituição educacional em abordagem da história educacional no Alto Sertão da Bahia.

Consideramos a Escola Normal de Caetité além da que vivencia o centenário (1926 – 2026). Incluímos a história da instância educacional (Escola Normal de Caetité) que foi criada conforme a Lei nº 117, de 24 de agosto de 1895, instalada no ano de 1898 e extinta pelo decreto de 29 de dezembro de 1903.

Em coleta de novos acervos, destacamos as duas experiências educacionais. Sobre as primeiras ações, os estudos de Vera Spínola (2025) com a recente produção: "Quincas, juiz do sertão: a história do Conselheiro Joaquim Antônio de Souza Spínola (Caetité/BA, 1848 – Salvador/BA, 1906)" priorizam o diário de Joaquim Spínola, em abordagem de um cotidiano do interior baiano, e reafirmam os primeiros investimentos do complexo processo em democratização educacional para a região.

Identificamos a atuação do primeiro governador republicano da Bahia, Joaquim Manuel Rodrigues Lima (1892/1896), e suas preocupações em descentralizar serviços da governadoria

para outros lugares interioranos. Encontramos a inauguração da Escola Normal de Caetité no final do Século XIX e instalada em 1898. Elaboramos diversas questões e, dentre elas, destacamos: quais fontes preservadas indicam o fazer docente desse lugar? Qual público a acessou? Quais profissionais atuaram nesse lugar? Quais alunos/as? Por que foi fechada?

Com mais perguntas do que respostas, entre acervos documentais e outros diversos tipos de fontes, situamos a reintegração da instância educacional, no ano de 1926, buscando entender, processualmente, a formação educacional de amplo referencial de oralidade regional e sobre as taxas de analfabetismo, conforme primeiro censo brasileiro referente ao final do Século XIX.

Além da Escola Normal, outras sociabilidades de práticas sobre educação, cultura e novas leituras, não somente impressas podem ser consideradas, ressaltando que eram as leituras da oralidade o referencial maior da região. Desse modo, novas questões: quais os sujeitos docentes e discentes em atuação nesse novo processo educacional? Quais produções? Como se realizavam as práticas educativas?

Consolida-se a Escola Normal de Caetité em meio a muitos desafios e em modelo de formação de professores e de difusão de ideais de "civilidade", cultura e progresso no sertão. Para Galvão (2010), o processo de escolarização e difusão da cultura escrita no Brasil foi tardio e desigual, principalmente, em regiões interioranas do país. Neste cenário, o acesso à leitura e à escrita tornou-se privilégio, como aborda Teixeira (2007).

Nesta região, Alto Sertão da Bahia, identificamos, por interesses econômicos, significativa parcela populacional oriunda da interiorização da América Portuguesa. Por isso, outros investimentos, como os educacionais/culturais, a exemplo da Escola Normal de Caetité, que, certamente, reverbera discursos, histórias, memórias e práticas educativas em resistência. Para entender essa complexa teia a dizer sobre diversas culturas, elegemos referenciais teóricos da História Cultural, a exemplo de Chartier (1996); da História da Educação, Teixeira (2007); das Culturas do Escrito, como aborda Galvão (2010).

Discutimos sobre o modo como a população sertaneja não letrada foi sendo incorporada à cultura escrita, que, em meio à iniciativa de implantação do ensino público no Brasil, em paralelo, havia o grande desinteresse político por essa causa democrática. A Escola Normal de Caetité, nessa discussão, é tomada, como pilar central de novas abordagens, cujo trabalho do ***Repositório da Escola Normal de Caetité: acervos, memórias e histórias no Alto Sertão da Bahia*** se legitima para fins de considerar singularidades e propiciar o debate sobre a educação pública, trazendo à tona às necessárias discussões sobre ensino, docência e práticas educativas,

pedagógicas ou não. Poderíamos dizer que a Escola Normal de Caetité foi a que ensinou o sertão a ler?

METODOLOGIA

Esta pesquisa documental utilizou estudos da análise de conteúdo, conforme Bardin (2006) que prevê etapas da pesquisa, dando ênfase ao desenvolvimento eficiente de uma pesquisa em uso de documentos e exigindo um tratamento minucioso das fontes pela necessidade de interpretação dos dados.

Sobre essas fontes, encontram-se preservados no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Selecionamos algumas correspondências de mulheres (Celsina Spínola Teixeira/1887-1979, Hersília Spínola Teixeira/1891-1968 e Carmen Spínola Teixeira/1909-2002), irmãs de Anísio Teixeira, e parte do amplo acervo que compõe o jornal *A Penna*. As produções analisadas são manuscritas, como as correspondências e impressas (partes do jornal citado) e ambas destacam um cotidiano a nos permitir problematizar as dificuldades da educação pública em regiões com escassez de profissionais para a atuação na área.

A integração dos saberes escolares com iniciativas como o jornal *A Penna*, que noticiava práticas educativas/culturais, destacando os esforços comunitários e a formação de uma prática pedagógica, combinando teoria e prática em comum acordo à ideia de escola pública, universal, como prática democrática e de liberdade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ***Repositório da Escola Normal de Caetité: acervos, memórias e histórias no Alto Sertão da Bahia,*** que se encontra em discussão neste texto, está em fase de construção. Para a discussão, apresentamos um fragmento do jornal *A Penna* com descrição arquivista: Gumes, nº 431, datado de 09/03/1928. Sobre o tema, destacamos a festa de inauguração do prédio da Escola Normal de Caetité em descrição da ação social realizada pela cidade em homenagem ao que o jornal chamou de "Vila Escolar". Em visita, naquele dia, encontravam-se o governador da Bahia, Góis Calmon, e outras autoridades, como o próprio Anísio Teixeira.

Em integração alguns públicos educativos (escolares e não escolares): Escola Primária Anexa, Liga da Bondade, Jardim de Infância, Sala de Trabalhos Manuais, Caixa Escolar, Gabinete Dentário, Rouparia, Serviços de Merenda e Serviços dos Plantões da Saúde. Em discussão, no entanto, conforme Nunes (2001), a política educacional. Para ser, de fato,

democratização do ensino e educação de qualidade, como discute Anísio Teixeira, muitos desafios sociais precisariam ser rompidos. A implantação educacional, naquele contexto, especialmente, em lugar interiorano, embora seja fato importante, não esconde os desafios.

Além do jornal local, as irmãs Hersília e Celsina, por meio de cartas, registraram práticas educativas e um amplo cotidiano em adversidade social. Como nosso foco é a Escola Normal, destacamos parte dessas histórias e memórias. De Caetité, no dia 05 de fevereiro de 1935, com descrição arquivística (APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira) a autora assim destaca: "Desde o dia 1º que está em banca de exame, tem 100 alumnos que não tiveram média e ficaram obrigadas a fazer este exame da cadeira que ela ensina. Foram poucos os alumnos que passaram por media".

Hersília, autora da carta, menciona a ida de sua irmã, Alzira, juntamente com sua filha, para a fazenda Taperinha, enquanto Celina, sua outra filha, professora, permaneceu em casa devido às tarefas escolares. A escrita evidencia o rigor do ensino naquele contexto. No dia 23 de abril de 1937, a escrita epistolar de Celsina com descrição arquivística (APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: Correspondências usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira) comunica à irmã, na capital baiana, a comemoração do aniversário da Escola Normal e descreve ações sociais junto à comunidade local: "No dia 21 aniversário da inauguração da E. Normal houve missa às 8 horas em seguida a passeiata, à tarde jogo e à noite sessão [...]".

Na data de 27.08.1940, a carta, cuja descrição arquivística (APMC. AFST. CTL.1.18.8) foi assinada por Carmen, assim diz: "Estes forasteiros que surgem por aí 'passam de pato a ganso' com muita rapidez [...]". Esta escrita, diferente das demais, indicou um acompanhar cotidiano escolar por parte da autora. Descreve sobre o modo de se proceder junto à instituição. Demonstra tensões políticas e o seu zelo por um lugar que se construía além do exercício docente. As discussões realizadas provocam-nos a pensar, conforme disse Nunes (2001), sobre o modo de fazer política, inclusive, a educacional.

CONCLUSÕES

A Escola Normal de Caetité não só foi uma importante iniciativa para o interior baiano. Consolidou a cidade de Caetité, como um polo de atração e irradiação de saberes: enquanto recebia estudantes de diversas localidades, também, processualmente, enviava normalistas para o exercício docente, em regiões próximas e distantes, como o sul da Bahia. Esse movimento é

emblemático por questionar essa "lógica" do preconceito histórico contra o sertão. Tem-se o interior, muitas vezes, estigmatizado como 'sem cultura', em construção educacional para a região e para outros lugares, como o litoral e outras zonas do Estado.

Muito além dessa comprovação histórica, a Escola Normal com suas histórias e memórias ganham um reconhecimento maior na atualidade. Além de ser patrimônio material e imaterial, propicia a urgente necessidade integrada pelo debate da formação educacional. Precisa, pois, se juntar a outras experiências educacionais, históricas e atuais, como as que estão construídas nas Universidades Públicas e garantir esse urgente debate. Que ele se dê!

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GALVÃO, Ana. Maria. de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. *In:* MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 218-248.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

SPÍNOLA, Vera. **Quincas, Juiz do Sertão:** a história do Conselheiro Joaquim Antônio de Souza Spínola (Caetité/BA, 1848 – Salvador/BA, 1906); organizador, Fernando Oberlaender, - 1.ed. – Salvador: Caramurê, 2025.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio.** 9. ed. Comentada por Marisa Cassi; organização Coleção Clarice Nunes; apresentação Marisa Cassim. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.